

DÉCADENCE E VIDA: UMA INTRODUÇÃO AO TEMA DA DECADÊNCIA EM FRIEDRICH NIETZSCHE

Rafael Gonçalves da Silveira¹

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo realizar uma introdução à temática da decadência na filosofia de Friedrich Nietzsche, tendo como foco a expressão deste conceito no termo francês *décadence*. Procura-se indicar a ligação da *décadence* com o conceito de niilismo, considerando a vida como vontade de potência o critério para a avaliação dos valores. Ao tratar da vida como critério dos valores, Nietzsche realiza uma análise fisiopsicológica da organização dos instintos, buscando identificar se determinados corpos e produções culturais manifestam a intensificação da vida ou o seu declínio. Por se tratar de um processo ao nível dos instintos, Nietzsche reconhece a impossibilidade de combater a *décadence*, optando por novas estratégias para a transvaloração dos valores.

Palavras- chave: Nietzsche; *Décadence*; Vida.

DECADENCE AND LIFE: AN INTRODUCTION TO THE THEME OF DECADENCE IN FRIEDRICH NIETZSCHE

ABSTRACT: This article aims to introduce the theme of decadence in Friedrich Nietzsche's philosophy, focusing on the expression of this concept in the French term *décadence*. I try to indicate the link between *décadence* and the concept of nihilism, considering life, as a will to power, the criterion for evaluating values. When dealing with life as a criterion of values, Nietzsche performs a physiopsychological analysis of the organization of instincts, seeking to identify whether certain bodies and cultural productions manifest the intensification of life or its decline. Because it is a process at the level of instincts, Nietzsche recognizes the impossibility of combating *décadence*, opting for new strategies for the transvaluation of values.

Keywords: Nietzsche; Decadence; Life.

INTRODUÇÃO

A decadência é o problema central abordado por Nietzsche no último ano de sua produção filosófica, 1888, e através deste problema o autor alemão elaborou suas últimas obras, principalmente *O Caso Wagner*, *Crepúsculo dos Ídolos* e *O Anticristo*.

Muitos comentadores e intérpretes da filosofia nietzschiana buscaram investigar o que representa o seu conceito de decadência (*décadence*). Ao analisar a decadência (*décadence*), Müller-Lauter a situa na análise da *vontade de nada*. Concebendo-a como “processo” ele destaca sua característica de desagregação, dando ênfase para a literatura: “deve-se partir, nesse sentido, da

¹ Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas, RS, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1932-8631>. Correio eletrônico: tkl21rafael@gmail.com.

descrição nietzschiana da *décadence* literária” (MÜLLER-LAUTER, 2009, p.127). Nessa ocasião, o comentador não explorou de modo satisfatório a decadência na perspectiva da obra *O Anticristo* nem da elaboração do projeto da transvaloração, pois seu objetivo principal era demonstrar os “antagonismos” da filosofia nietzschiana.

Ao analisar esses antagonismos, na perspectiva da vontade de potência², Müller-Lauter trouxe elementos importantes para a compreensão de como ocorre a desagregação das “vontades” de potência e a constante organização em novas hierarquias. A decadência seria este processo fisiológico de desagregação da vontade de potência, o que vai gerar a vontade de nada.

Chiara Piazzesi, com a obra *Nietzsche: Fisiologia dell'arte e decadenza*, reconstitui com muita atenção os primeiros escritos de Nietzsche sobre a decadência e sobre o uso do termo francês *décadence* na literatura francesa. Ela centraliza a parte inicial de sua análise nas obras de Paul Bourget, como outros autores já fizeram, porém abordando a forma como este escritor aplicava o conceito em suas obras e comparando com a utilização feita por Nietzsche em seus primeiros escritos. Ela reproduz anotações de Nietzsche sobre Bourget, mas também de Ferdinand Brunetière e Deprez.

A intérprete, contudo, se restringe em boa parte de sua obra a indicar as relações de Nietzsche com Bourget e no modo como ele teria aplicado o conceito de *décadence* em suas críticas a Wagner e Baudelaire (PIAZZESI,2003). É, sobretudo, a questão das artes na filosofia de Nietzsche que Piazzesi reflete em sua obra, fazendo algumas referências à teoria das forças e à vontade de potência.

Andrew Huddleston, na obra *Nietzsche on the decadence e flourishing of culture* analisa a concepção de cultura na obra do filósofo alemão, desde os primeiros escritos, e afirma que “os indivíduos e a cultura também mantêm uma relação de microcosmo para macrocosmo” (HUDDLESTON, 2019, p. 8). Essa relação entre microcosmo e macrocosmo está vinculada na interpretação de Huddleston ao processo da decadência, que ele compreende como “uma espécie de doença” (HUDDLESTON, 2019).

Nietzsche seria o médico da cultura que procura detectar a decadência e sua influência no “florescimento cultural”. Ao tratar da cultura na obra de Nietzsche, Huddleston considera que apesar das referências do autor ao conceito de decadência, tal termo se mostra vago para a compreensão dos problemas de declínio cultural. Considera que uma cultura não é decadente em virtude de ter muitos membros decadentes (HUDDLESTON, 2019).

² Utilizo a tradução do conceito *Wille zur Macht* como “vontade de potência”, defendida por Mário Ferreira dos Santos entre 1943-1945 (cf. SILVEIRA, 2020) e posteriormente por Rubens Rodrigues Torres Filho e Scarlett Marton (cf. MARTON, 1997).

Johan Grzelczyk, no artigo “Féré et Nietzsche: Au sujet de la *décadence*”, trouxe importantes informações sobre os elementos que Nietzsche encontrou na obra do médico francês Charles Féré para ampliar sua caracterização dos processos de decadência. Comparando os dois autores, entende que “Nietzsche adota, assim, por referência ao critério da economia geral da vida e contra a moralidade geralmente aceita, de piedade e compaixão, uma postura fundamentalmente eugênica” (GRZELCZYK, 2005, p.198), ao passo que “Féré, se aderiu também ao viés eugênico, porém, tomou cuidado para não criticar as religiões católicas, associando-as deliberadamente aos valores da *décadence*” (GRZELCZYK, 2005).

Nesse artigo pretendo dar atenção ao conceito expresso no termo francês *décadence*, sobretudo nos fragmentos póstumos a partir de 1883, e por fim indicar como o termo aparece nas obras publicadas de 1888. Procuo indicar que *décadence* e niilismo estão interligados pelo conceito de valor. Ambos os conceitos expressam o declínio de valores, porém a *décadence* tem uma dimensão que engloba o niilismo. O niilismo é a lógica da *décadence*, e sua manifestação histórica como crise e ausência de valores. A vida, enquanto vontade de potência, é o critério para a avaliação dos valores, e Nietzsche sempre leva em conta o declínio ou intensificação da vida, ao analisar a *décadence* da modernidade.

DÉCADENCE, NIILISMO E VIDA: OS ESCRITOS DE 1883 ATÉ 1888

O termo francês *décadence* está presente na obra de Nietzsche em aproximadamente 176 fragmentos. A primeira ocorrência surge em 1883 e, assim como em uma ocorrência em 1884, aparecem em uma única unidade. Em 1885, o termo surge em dois fragmentos. No ano de 1886 apresenta-se em 3 fragmentos e 1 carta. Somente em 1887 temos maior discussão com o termo francês, surgindo em 16 fragmentos. Em 1888 o termo *décadence* está presente no total de 151 textos, dentre livros publicados, fragmentos póstumos e cartas, indicando uma intensificação considerável na utilização do termo no último ano produtivo do filósofo. É preciso salientar que esse quadro comparativo nos fornece apenas uma indicação inicial da importância do conceito nos últimos anos da filosofia de Nietzsche. Contudo, o conceito de decadência é mais abrangente e implica em uma discussão que ultrapassa a obra nietzschiana desde seus primeiros escritos.

Sobre isso, Isadora Petry aborda a crítica de Nietzsche à decadência em *O Nascimento da Tragédia* e outros escritos deste período, indicando que nesse contexto já estão presentes os elementos para a crítica nietzschiana a modernidade. Segundo a autora, a “*décadence* da modernidade é, para Nietzsche, o desdobramento de um processo histórico-genealógico, e será nos gregos, precisamente com o surgimento de Sócrates, que o filósofo verá o início de tal problema” (PETRY, 2015, p. 19). Ainda nesse sentido, Petry ressalta que “a questão do declínio de Atenas irá

desdobrar-se e desenvolver-se na filosofia de Nietzsche até os últimos textos, onde ganharão nova voz sob o nome de *Décadence*” (PETRY, 2015, p. 19)³.

Aqui preciso ressaltar que Nietzsche vai fazer uma leitura tardia dos seus primeiros escritos e sobre *O Nascimento da Tragédia*, especificamente, onde reconhece suas questões essenciais. Considero importante nesse sentido a presença de uma discussão sobre saúde e doença da cultura, considerando a vida como valor central. Esses elementos serão retomados e intensificados nas discussões tardias sobre a *décadence* moderna. É também importante as reflexões sobre o fenômeno dionísio, elemento central da primeira obra publicada e que aparece novamente nos textos de 1888.

Em 1888 Nietzsche ressalta que Sócrates é um decadente, assim como a ciência moderna é problemática, com sua vontade de verdade, algo já desenvolvido em escritos anteriores. Na avaliação de *O Nascimento da Tragédia* é o problema da ciência que aparece como um dos pontos centrais do primeiro livro. Assim, para o autor tratava-se de “algo tão terrível e perigoso, um problema com chifres, não necessariamente um touro, mas um problema *novo*, em todo caso – hoje eu diria que era o *problema da ciência* mesma – a ciência vista pela primeira vez como problemática, como questionável.” (NIETZSCHE, 2020, p. 10). Desta problemática Nietzsche reconhece que seu primeiro livro tinha como tarefa, pela primeira vez, “ver a ciência pela ótica do artista, mas a arte pela ótica da vida [...]” (NIETZSCHE, 2020, p. 11).

A questão da vida é essencial para o filósofo alemão. Essa avaliação sobre *O Nascimento da Tragédia*, em um prefácio tardio, é de 1886. Nesse momento Nietzsche já opera com seus conceitos principais, tais como vontade de potência e eterno retorno do mesmo, a partir de uma cosmologia das forças (MARTON, 1990). Deste modo, podemos compreender que para Nietzsche a vida é vontade de potência, levando em conta a avaliação dos valores humanos⁴. Nietzsche já estava encaminhando a avaliação dos valores a partir de um método genealógico, tal como será exposto no ano seguinte, com a obra *Genealogia da moral*. Scarlett Marton, desde sua tese e em outros artigos, explicou de modo claro que a noção nietzschiana de vida é intensificada nos escritos do terceiro período⁵. Já em *A gaia Ciência*, a vida “passa a ser vista como possibilidade de ‘experimentação do

³ A autora ainda desenvolve uma abordagem do tema da *décadence* na modernidade a partir das leituras de Nietzsche sobre Baudelaire e Paul Bourget, apresentando um quadro teórico de múltiplas nuances para a criação e a avaliação dos valores.

⁴ Para Marton (1990), no âmbito da cosmologia, o mundo é composto por forças finitas na perspectiva de um tempo infinito, sendo a vontade de potência o querer interno dessas forças e vida um caso particular da vontade de potência. No campo dos valores humanos, contudo, a vida é vontade de potência.

⁵ Neste artigo utilizo divisão dos escritos filosóficos de Nietzsche em três períodos, adotada por Karl Löwith (1991, p. 31–37) e por Scarlett Marton (1990, p. 23–27), a saber: 1º Período: Pessimismo romântico; 2º Período: Positivismo cético; 3º Período: Filosofia do eterno retorno; O primeiro período corresponde à ligação com o pessimismo de Schopenhauer e com os dramas musicais de Wagner, escritos juvenis, *O nascimento da tragédia*, *A filosofia na época*

conhecimento’; a luta entre os diversos impulsos do ser humano manifesta-se até mesmo no pensamento” (MARTON, 2016, p. 412).

Para a comentadora, é nesse momento que Nietzsche passa a estabelecer uma noção mais clara e consistente de vida, cujo traço central é a luta. Ou seja, “pensamentos, sentimentos, impulsos estão em franco combate, mas também células, tecidos, órgãos ” (MARTON, 2016, p. 412). O filósofo alemão expõe um modo único de manifestação da vida, que assim transparece tanto na vida social, como individual, mental e fisiológica, que é luta, enquanto uma condição necessária. Nesse ponto, a vida é luta, mas uma luta sem finalidades estabelecidas, sem metas a serem alcançadas. Dessa constante luta que é a vida surgem hierarquias. Essas hierarquias ocorrem em tipos diversos, pois “a cada momento, determinam-se vencedores e vencidos, senhores e escravos, os que mandam e os que obedecem” (MARTON, 2016, p. 412).

Com base na abordagem de Marton, destaco que é a partir de *Assim falava Zaratustra* que ocorre a identificação entre vida e vontade de potência: “enquanto vontade de potência, a vida é mandar e obedecer; é portanto lutar ” (MARTON, 2016, p. 412). Como explica a comentadora, a vida, como vontade de potência, aparece nesses escritos ligada ao conceito de valor. Ou seja, Nietzsche vai avaliar o valor dos valores e o critério que surge livre para tal avaliação é a vida. A vida é o critério que não pode ser avaliado. Isso está diretamente ligado às considerações de Nietzsche sobre a *décadence* em 1888. Ao avaliar Sócrates e os sábios da tradição como decadentes, é na vida que Nietzsche está pensando como um critério de avaliação. A vida, ou tipos de vida, manifestam os valores, sejam eles valores afirmativos ou valores decadentes. Nesse sentido, o filósofo afirma:

Aquele *consensus sapientiae* – compreendi cada vez mais – em nada prova que eles tivessem razão naquilo acerca do qual concordavam: prova, isto sim, que eles próprios, esses mais sábios dos homens, em alguma coisa coincidiam *fisiologicamente*, para situar-se – *ter* de situar-se – negativamente perante a vida. Juízos, juízos de valor acerca da vida, contra ou a favor, nunca podem ser verdadeiros, afinal; eles têm valor apenas como sintomas, são considerados apenas enquanto sintomas – em si, tais juízos são bobagens. É preciso estender ao máximo as mãos e fazer a tentativa de aprender essa espantosa *finesse* [finura], a de que *o valor da vida não pode ser estimado*. Não por um vivente, pois ele é parte interessada, até mesmo objeto de disputa, e não juiz; e não por um morto, por um outro motivo. – Que um filósofo enxergue no *valor* da vida um problema é até mesmo uma objeção contra ele, uma interrogação quanto à sua sabedoria, uma não sabedoria. – Como? Todos esses grandes sábios – eles não teriam sido apenas *décadents*, não teriam sido nem mesmo sábios? – Mas volto ao problema de Sócrates (NIETZSCHE, 2017, p. 14-15).

trágica dos gregos, as *Considerações Extemporâneas*. O segundo corresponde às influências do positivismo e abordagens científicas, de obras como *Humano, demasiado humano*, *Aurora* e *Gaia Ciência*. Por fim, o terceiro período, também conhecido como “período maduro, corresponde às obras seguintes: *Assim falou Zaratustra*, *Além do bem e do mal*, *Genealogia da moral*, *Crepúsculo dos ídolos*, *O Anticristo*, *O caso Wagner*, *Ecce homo*, *Ditirambos de Dioniso*, *Nietzsche contra Wagner*.

Essa reflexão central do pensamento nietzschiano, além de ressaltar o valor da vida como critério de avaliação dos valores, indica sua avaliação da *décadence* moderna, que já estava presente nas reflexões sobre os gregos. O problema da ciência está presente, sendo que Sócrates é o modelo do Ocidente, com sua sabedoria e racionalidade. Com Sócrates, é estabelecida a relação entre razão, virtude e felicidade, algo que para Nietzsche contraria os instintos. Os instintos representam a vida e já eram abordados desde *O Nascimento da Tragédia*, em que Nietzsche contrapõe razão e instinto. São os instintos, enquanto ramificações da vontade de potência, e dessa forma, da vida, que indicam o declínio da modernidade, pois essa - conforme o filósofo - é uma época de declínio dos instintos⁶. Frezzatti Jr salienta que

no contexto da doutrina da vontade de potência, a noção de instinto tem o mesmo sentido das noções de impulso (*Trieb*), afeto (*Affekt*) e força (*Kraft*), ou seja, instinto pode ser entendido como quantum de potência que vem a ser enquanto tendência a aumento de potência (FREZZATTI JR, 2016, p. 272).

Assim, Nietzsche vai relacionar a *décadence* e vida a partir dessas noções de instinto, afetos, impulsos e força. Os primeiros textos sobre a *décadence* permitem considerar, de modo introdutório, a preocupação do filósofo com a vida e seu declínio a partir de determinados valores. Em 1883 o termo *décadence* aparece no fragmento póstumo 16 [5], a partir de uma discussão sobre a música alemã e a incapacidade de criação de novos ideais. O filósofo reconhece a “profunda infertilidade do século XIX” e o fato de que não encontrou “ninguém que tenha verdadeiramente contribuído com um novo ideal (*neues Ideal*)” (NIETZSCHE, 2010, p. 344). Esse novo ideal, no contexto desses fragmentos, está relacionado à perspectiva dos valores, tendo em vista que Nietzsche escreve *Assim falava Zaratustra* e começa a operar com a noção de vida, vontade de potência e valor.

Considerando as esperanças depositadas na música alemã, ou seja, em Richard Wagner, algo que para o filósofo foi um erro, reconhecido no prefácio tardio de *O Nascimento da Tragédia*, caberia ainda a esperança em um novo tipo, mais forte:

Um tipo mais forte no qual nossas forças são sinteticamente ligadas - minha crença (*mein Glaube*). Aparentemente, tudo é *décadence* (*ist Alles décadence*). Deve-se guiar (*leiten*) este perecimento (*Zu-Grunde-gehen*) para que possibilite ao mais forte uma nova forma de existência (*neue Existenzform*) (NIETZSCHE, 2010, p. 344).

Ao mesmo tempo que o filósofo reconhece a infertilidade do século XIX, manifesta também sua crença em um “tipo mais forte”. No ano deste fragmento póstumo, Nietzsche redige as duas primeiras partes de *Assim falava Zaratustra*, sendo que tal citação está situada entre

⁶ Para Frezzatti, Nietzsche passa a trabalhar com o termo instinto (*instinkt*), com mais frequência, a partir de *Para além de Bem e Mal*. O comentador aponta que os instintos tem um papel de “antagonista em relação à razão ou racionalidade e, por vezes, representou o inconsciente em oposição à consciência ou ainda o corpo em oposição à alma e ao livre-arbítrio”. (FREZZATTI JR, 2016, p. 272).

referências à composição do livro, além das referências aos conceitos centrais do terceiro período. Ao reconhecer que tudo pode ser *décadence*, o filósofo alemão indica que é preciso guiar este perecimento visando o tipo mais forte.

Ao relacionar o termo *décadence* à expressão “*Zu-Grunde-gehen*”, Nietzsche indica o sentido que o conceito vai assumir em vários contextos de sua obra, como declínio, desagregação, perecimento, aniquilação. Aqui temos o sentido da discussão retomada em *O Anticristo*, obra considerada por Nietzsche inicialmente como primeiro livro da transvaloração dos valores, mas que depois tornou-se a “totalidade” do seu grande projeto. A discussão é sobre a afirmação dos mais fortes, frente ao processo de *décadence* moderna. Em *O Anticristo* trata-se do tipo de “mais alto valor” ou um “tipo *mais elevado* de homem” (NIETZSCHE, 2016, p. 11). Desde 1883, a *décadence* é associada a elementos que permitem ao filósofo pensar os valores humanos. Nesse contexto é a análise do niilismo que vai surgir como central nas obras publicadas.

Se em *A gaia ciência* Nietzsche está refletindo intensamente sobre os valores, afirmando que não consegue ver “ninguém que tenha ousado uma crítica dos juízos de valor morais” (NIETZSCHE, 2012, p. 212), colocando-se como aquele que vai pôr a moral em questão, ele também vai evidenciar a crise dos valores modernos e suas consequências. Embora o filósofo vá refletir sobre o valor dos valores e avaliar genealogicamente a moral somente em 1887, porém, no livro III de *A Gaia Ciência*, ele já anuncia a “morte de Deus”: “Deus está morto; mas tal como são os homens, durante séculos ainda haverá cavernas em que sua sombra será mostrada” (NIETZSCHE, 2012, p. 126). No aforismo 125 (“O homem louco”), Nietzsche anunciou que somos nós os assassinos: “Deus está morto! Deus continua morto! E nós o matamos!” (NIETZSCHE, 2012, p. 138). Aqui temos um aspecto relevante da avaliação dos valores ocidentais, ou seja, a “morte de Deus” como a desvalorização dos valores supremos da humanidade⁷.

A moralização do mundo pelos seres humanos marca uma característica importante da modernidade, cujo ápice, para Nietzsche, vai eclodir numa crise e perda de sentido. Uma determinada interpretação moral do mundo, ou seja, a interpretação que considera “Deus” como valor principal, será derrotada a partir da própria vontade de verdade (*Wille zur Wahrheit*) presente na moral cristã. Trata-se de uma educação direcionada para o valor da verdade, de origem platônica e cristã. Isto é de certo modo a discussão sobre a ciência, que não é mais um adversário apenas da moral cristã, mas a sua própria consequência. O ideal científico vai caracterizar a vontade de verdade, sendo assim outro tipo de ideal ascético.

⁷ Para Araldi, é “importante ressaltar que, para Nietzsche, a morte de Deus é um acontecimento (*Ereigniss*) inegável; com ela sucumbe a interpretação moral da existência” (ARALDI, 2004, p. 68).

Ao mesmo tempo em que tem um terreno comum, a vontade de verdade vai justamente levar à derrota dos valores supremos do Ocidente, ou seja, à perda de sentido e de valor de “Deus” como verdade. Para Neto (2016):

Por fim, devemos ressaltar que, apesar de caracterizar a *vontade de verdade* de maneira negativa, Nietzsche confere a essa noção um papel fundamental na história da mentalidade religiosa da civilização ocidental. Isso porque o filósofo defende a seguinte relação lógica entre *vontade de verdade* e *ateísmo*: o ideal de proibição intelectual que constitui a vontade de verdade conduziria necessariamente à negação da “mais longa mentira” do Ocidente, isto é, a mentira da existência de Deus (NETO, 2016, p. 427).

Esses elementos serão retomados pelo filósofo para a caracterização da *décadence*. Nietzsche observou a desvalorização dos valores e o modo como Deus representava o valor supremo. Se Deus estava morto seria preciso colocar um novo valor, algo que Nietzsche vai propor, em alguns textos, com o eterno retorno do mesmo⁸. Mesmo abordando o niilismo desde o ano de 1881, será apenas em 1887, que aparece uma clara ligação com a desvalorização dos valores ocidentais (RUBIRA, 2010). Nesse ano, no fragmento póstumo 9 [35], o filósofo afirmou: “Niilismo: falta a meta; falta a resposta ao ‘porque?’; o que significa niilismo? – que os valores supremos se desvalorizam” (NIETZSCHE, 2008, p. 241). A “morte de Deus” como representação da perda de valores levaria ao avanço do niilismo. Para Araldi:

[...] o niilismo assume em Nietzsche o estatuto de uma questão fundamental, mediante a qual a experiência de instauração e dissolução dos valores morais é trazida à problematização filosófica, para explicitar sua origem, seu transcurso e os âmbitos nos quais ela (a moral) se desenvolve (ARALDI, 2004, p. 63).

Desde 1883 Nietzsche cita nos fragmentos póstumos o termo *décadence*, ainda que de modo vago. Em 1887, quando o niilismo aparece como problema central em sua filosofia, o filósofo passa a desenvolver melhor o que seria essa *décadence*, porém apenas nos fragmentos póstumos.

No ano de 1884 a referência à *décadence* é vaga, resumindo-se a uma crítica a Delacroix conforme o fragmento póstumo 25[141]). Em 1885 o termo aparece em um fragmento sobre a crítica aos psicólogos. No mesmo ano o termo aparece no fragmento 2[111] do outono de 1885 junto com uma reflexão sobre o porque da arte, definindo a racionalização do mundo com o sentido de *décadence*, mas sem maiores considerações. Contudo, não é sem sentido que Nietzsche considere a “racionalização do mundo” como uma *décadence*, se lembrarmos sua preocupação com um tipo de decadência da cultura grega em *O Nascimento da Tragédia*, a partir de Eurípidés e da racionalidade socrática.

Somente em 1886 o autor passa a identificar o fenômeno da moral com o termo *décadence*.

⁸ Conforme Luís Rubira: “Foi na hipótese cosmológica do eterno retorno do mesmo (*ewige Wiederkunft des Gleichen*), ou seja, na possibilidade de uma eternidade temporal, que Nietzsche julgou encontrar uma nova medida de valor para realizar a transvalorização de todos os valores (*Umwertung aller Werte*)”. (RUBIRA, 2010, p. 17).

Nesses fragmentos ele é incisivo ao criticar o seu tempo, ressaltando que, assim como os gregos, haveria uma superioridade dos homens da Renascença. Ao fazer uma crítica à moral de Sócrates e Platão, no fragmento póstumo 7[20] de 1886, define-os como “sintomas da *décadence*” e questiona se “todos os movimentos especificamente morais até agora não foram sintomas de *décadence*” (NIETZSCHE, 2008, p. 215). O filósofo critica a identificação entre os ideais de “bem”, “verdadeiro” e “belo”.

No fragmento póstumo 11 [226], Nietzsche afirma que “a *décadence* é própria de todas as épocas da humanidade” (NIETZSCHE, 2008, p. 422) e a seguir, no fragmento 11 [227], ele faz sua primeira consideração sobre *décadence* associada ao conceito valor. Associa *décadence* e valor a partir do que considera o adoecimento da humanidade. A *décadence* se tornou preponderante a partir dos juízos de valor, sendo ela o elemento central da crise de valores. Para Nietzsche essa “errância conjunta da humanidade em relação aos seus instintos fundamentais, tal *décadence* conjunta do juízo de valor é o ponto de interrogação *par excellence*, o enigma propriamente dito, que o animal ‘homem’ apresenta ao filósofo” (NIETZSCHE, 2008, p. 424). A *décadence* vai ganhando relevância para a discussão sobre os valores, até que em 1888 Nietzsche vai refletir sobre esse conceito a partir fenômeno do esgotamento (*Erschöpfung*).

O esgotamento é produzido pela *décadence*, indicando como ocorre a perda dos valores no interior de determinadas fisiologias. Para Nietzsche o esgotamento pode ser tanto adquirido, como herdado. Em todas essas formas de esgotamento ocorre uma perda de valor, ou uma modificação do valor das coisas. Aquele que não está esgotado, ou seja, que tem abundância de forças, é capaz de conferir valor às coisas, pois as vê plenas. Porém, conforme o fragmento 14 [68] de 1888, o “esgotado (*Erschöpfte*) apequena e estrofia tudo o que vê – ele empobrece (*verarmt*) o valor (*Werth*): ele é prejudicial (*schädlich*) [...]” (NIETZSCHE, 2008, p. 529).

É nesse momento, em 1888, que Nietzsche vai operar com o conceito de *décadence* em todas as obras publicadas. O niilismo será uma das manifestações da *décadence*, que age fisiologicamente na vida, causando declínio dos valores. Nessas obras Nietzsche vai reconhecer a impossibilidade de combater a *décadence*, bem como a necessidade de afirmação da vida.

DÉCADENCE E VIDA NOS ESCRITOS DE 1888

Em 1888, Nietzsche reconhece em *O Caso Wagner* que “o que me ocupou mais profundamente foi o problema da *décadence*” (NIETZSCHE, 2016b, p. 9). Nesse sentido, “‘Bem e Mal’ é apenas uma variante desse problema” (NIETZSCHE, 2016b, p. 9). Muito embora nos escritos póstumos Nietzsche considere que o niilismo é a lógica da *décadence*, por outro lado os dois conceitos estão estritamente ligados, pois o filósofo segue ressaltando as principais

características do niilismo europeu. Ao falar do problema da *décadence*, ele explica:

Tendo uma vista treinada para os sinais de declínio, compreende-se também a moral – compreende-se também o que se oculta sob os seus mais sagrados nomes e fórmulas de valor: a vida *empobrecida*, a vontade de fim, o grande cansaço. A moral nega a vida (NIETZSCHE, 2016b, p. 9).

Aqui, ao tratar do “caso” Wagner, Nietzsche busca superar o seu tempo, ir além da *décadence* moderna. Wagner é o exemplo mais acabado da modernidade decadente. O filósofo vai intensificar as características do niilismo europeu através da *décadence* fisiológica. O tema do sofrimento aparece em conexão com a vida para exemplificar dois modos de ser, um decadente e outro afirmativo.

Mas existem dois tipos de sofredores, os que sofrem de *superabundância de vida*, que querem uma arte dionisíaca, e desse modo uma compreensão e perspectiva trágica da vida – e depois os que sofrem de *empobrecimento de vida*, que requerem da arte e da filosofia silêncio, quietude, mar liso, ou embriaguez, entorpecimento, convulsão. Vingança na vida mesma – a mais voluptuosa espécie de embriaguez para aqueles assim empobrecidos! [...] (NIETZSCHE, 2016b, p. 56).

Por isso Nietzsche considera Wagner, assim como Schopenhauer, enquanto seus “antípodas”, pois eles são decadentes e negam a vida. O mesmo ocorre com Sócrates, no fundo um negador da vida. É um problema no nível dos instintos, pois conforme já indiquei, é a vida, enquanto vontade de potência, uma complexa organização de instintos, que é desarticulada pela *décadence*. Trata-se de uma análise dos instintos, que é sempre fisiológica. Podemos tratar essa perspectiva fisiológica como fisiopsicológica. A fisiopsicologia nietzschiana seria basicamente uma morfologia ou doutrina do desenvolvimento da vontade de potência, como aparece em *Além do bem e do mal*, ressalta Frezzatti Jr. Para o comentador:

Há um uso da palavra “fisiologia” que é propriamente nietzschiano e ocorre no contexto da doutrina da vontade de potência; ele está fortemente ligado à noção de fisiopsicologia: processos fisiológicos enquanto luta de *quanta* de potência (impulsos ou forças) por crescimento. Assim, Nietzsche passa a considerar fisiológico não apenas corpos vivos, mas também o âmbito inorgânico e o âmbito das produções humanas, tais como Estado, religião, arte, filosofia, ciência. Fisiologia, nesse sentido, ultrapassa o âmbito biológico, mais ainda se refere a um organismo ou a uma organização, ou seja, a um conjunto de forças ou impulsos ou, ainda, a uma configuração fisiológica (FREZZATTI JR, 2016, p. 237).

Deste modo, é como um fisiopsicólogo que Nietzsche passa a abordar o problema da vida, enquanto vontade de potência. A vida nesse sentido segue no horizonte filosófico do filósofo para pensar a hierarquia entre valores e criticar a *décadence*. A *décadence* segue sendo identificada pela intensificação ou declínio da vida. Isso é percebido na dinâmica dos instintos. No seu projeto da transvaloração, cujo primeiro livro elaborado foi *O Anticristo*, podemos verificar as relações entre *décadence*, vida e instintos. O filósofo afirma: “É um doloroso, um arrepiante espetáculo, que despontou para mim: abri a cortina da corrupção do homem” (NIETZSCHE, 1999, p. 393). Nietzsche então teria desvelado essa corrupção do homem em uma sociedade domesticada pelo

cristianismo. Em seguida ele revela que tal corrupção é a própria *décadence*: “Entendo corrupção, já se adivinha, no sentido de *décadence*: minha afirmação é que todos os valores nos quais a humanidade enfeixa agora sua mais alta desejabilidade são *valores de décadence*” (NIETZSCHE, 1999, p. 393).

A *décadence* atua como uma corrupção do humano, enfraquecendo fisiologicamente e produzindo valores decadentes. Isso ocorre através de um tipo de vida cujos instintos básicos estão desorganizados, em declínio. Identificado esse processo na perda de instintos, o filósofo conclui: “Denomino corrompido um animal, uma espécie, um indivíduo, quando perde seus instintos, quando escolhe, quando prefere o que lhe é pernicioso” (NIETZSCHE, 1999, p. 393). O humano, sob os valores cristãos, está decadente ou corrompido, mas o único critério que se impõe para essa avaliação dos valores cristãos é a vida. Os instintos para Nietzsche revelam a própria vida, ou o tipo de vida que cria valores no âmbito humano. Como declarou o filósofo:

A vida mesma vale para mim como instinto de crescimento, de duração, de acumulação de forças, de *potência*: onde falta a vontade de potência, há declínio. Minha afirmação, é que a todos os valores mais altos da humanidade *falta* essa vontade - que valores de declínio, valores *niilistas*, sob os mais santos nomes, exercem o domínio (NIETZSCHE, 1999, p. 393).

A vida como critério é o próprio instinto, ou seja, a própria vontade de potência. A *décadence*, ou os *valores de décadence*, são os *valores niilistas* que Nietzsche problematizava desde 1881. Esses elementos são refinados em vistas do projeto da Transvaloração dos valores. A *décadence* representa, para o filósofo, em 1888, a radicalização do processo de perda de valores e sentido da humanidade, em nível fisiológico. Esse conceito vai estar sempre ligado ao nível dos instintos, como uma deterioração da vontade de potência. Por isso o tipo decadente ou corrompido é aquele que perde seus instintos. Como o filósofo escreveu em *Crepúsculo dos Ídolos*: “Ter de combater os instintos – eis a fórmula da *décadence*: enquanto a vida ascende, felicidade é igual a instinto –” (NIETZSCHE, 2017, p. 18).

O filósofo inverte a equação socrática, que equivale felicidade à razão e virtude, para defender a vida como manifestação dos instintos. O que ele identifica, sobretudo, é a impossibilidade do combate aos instintos, uma vez que não somos livres para escolher e sair do âmbito dos sentidos. Ao mesmo tempo, compreendendo a *décadence* como um processo fisiológico, revela a impossibilidade de parar esse processo de corrupção humana:

Os filósofos e moralistas enganam a si mesmos, crendo sair da *décadence* ao fazer-lhe guerra. Sair dela está fora de suas forças: o que elegem como meio, como salvação, é apenas mais uma expressão da *décadence* – eles *mudam* sua expressão, mas não a eliminam. Sócrates foi um mal-entendido: *toda moral do aperfeiçoamento, também a cristã, foi um mal-entendido [...]* (NIETZSCHE, 2017, p. 18).

Nietzsche não pode então pretender derrotar o cristianismo ou a tradição, uma vez que o processo de combate não é eficiente. Menos ainda pode propor um sistema acabado para o melhoramento da humanidade. Apesar de sua crítica radical ao cristianismo, levado à máxima radicalização em *O Anticristo*, o filósofo não tentou destruir essa religião, mas apenas afirmar a diferença de valores. É significativo que ele afirme que “em todos os tempos a Igreja quis a destruição de seus inimigos: nós, imoralistas e anticristos, vemos como vantagem nossa o fato de a Igreja subsistir [...]” (NIETZSCHE, 2017, p. 18).

Considerando que os decadentes sempre vão dominar a humanidade, ou que “os fracos sempre tornam a dominar os fortes” (NIETZSCHE, 2017, p. 58), o filósofo procurou libertar o “espírito” dos tipos fortes, aqueles que foram sempre domesticados pela moral, para buscar a afirmação incondicional da vida, como critério para criação de valores. Por isso a transvaloração dos valores não poderia ser efetivada como processo social e político, mas somente no âmbito dos instintos, através de uma prática e um modo de ser na existência: “Não subestimemos isso: nós mesmos, nós, espíritos livres, já somos uma ‘transvaloração de todos os valores’, uma *encarnada* declaração de guerra e de vitória em relação a todos os velhos conceitos de ‘verdadeiro’ e ‘não verdadeiro’” (NIETZSCHE, 2016, p. 18).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse artigo procurei realizar uma introdução à temática da decadência na obra de Nietzsche, indicando a relação com o niilismo e com a vida. Nesse sentido, procurei me deter nas referências ao conceito com o termo francês *décadence*, utilizado por Nietzsche desde 1883. Embora Nietzsche já abordasse o tema da decadência desde seus primeiros escritos, é apenas nos últimos anos de produção intelectual que o filósofo passa a abordar esse tema em estreita conexão com o conceito de valor.

Para avaliar os valores da cultura ocidental Nietzsche tem como critério a vida, entendida como vontade de potência. Da crise dos valores e perda de sentido apresentadas no conceito de niilismo, Nietzsche passa a intensificar a sua análise fisiopsicológica dos valores, sendo que o conceito de *décadence* fornece um quadro mais amplo para avaliar a modernidade. Em 1888 o termo francês passa a ser utilizado em todas as obras publicadas, expressando o domínio dos valores niilistas.

Por fim, reconhecendo a impossibilidade de combater a *décadence*, sendo que esta atua na degradação da vida humana no nível dos instintos, o filósofo alemão indicou que seu projeto de transvaloração dos valores só poderia ser efetivado como afirmação máxima da vida e das contradições da modernidade, sendo que sua crítica radical ao cristianismo deveria ser interpretada

como expressão das diferenças de valores. Não se trataria de buscar a destruição do cristianismo, mas a afirmação dos valores contrários, abrindo a “cortina da corrupção do homem” (NIETZSCHE, 1999, p. 393), e revelando o “que se oculta sob os seus mais sagrados nomes e fórmulas de valor [...]” (NIETZSCHE, 2016b, p. 9).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ARALDI, C. **Nihilismo, Criação, Aniquilamento: Nietzsche e a filosofia dos extremos**. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2004.
- FREZZATTI JR, W. A. Verbetes/Fisiopsicologia (*Physio-Psychologie*). In: **Dicionário Nietzsche** / [editora responsável Scarlett Marton]. – São Paulo; Edições Loyola, 2016 – (Sendas & Veredas).
- FREZZATTI JR, W. A. Verbetes/Instinto (*Instinkt*). In: **Dicionário Nietzsche** / [editora responsável Scarlett Marton]. – São Paulo; Edições Loyola, 2016 – (Sendas & Veredas).
- GRZELCZYK, Johan. **Féré et Nietzsche. Ausujet de ladécadence**. In :*AssociationleLisible et l’Illisible/Le philosophoire*. 2005, n.º 24, pp. 188-205. Disponível em: <http://www.cairn.info/revue-le-philosophoire-2005-1-page-188.htm>. Acesso em: 09 de junho de 2022.
- HUDDLESTON, A. **Nietzsche onthedecadenceandflourishingofculture**. Oxford: Oxford University Press, 2019.
- LÖWITH, K. **Nietzsche: Philosophie de l’éternelretourdemême**. Tradução de Anne-Sophie Astrup. Paris: Calmann-Lévy, 1991.
- MARTON, S. **Nietzsche: Das forças cósmicas aos valores humanos**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- MARTON, S. A terceira margem da interpretação. In: MÜLLER-LAUTER, W. **A doutrina da vontade de poder em Nietzsche**. São Paulo: Annablume, 1997.
- MARTON, S. Verbetes/Vida (*Leben*). In.: **Dicionário Nietzsche** / [editora responsável Scarlett Marton]. – São Paulo; Edições Loyola, 2016 – (Sendas & Veredas).
- MÜLLER-LAUTER, W. **Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia**. São Paulo: Editora Unifesp, 2009.
- NETO, J. E. T. M. Verbetes/Vontade de Verdade (*Wille zur Wahrheit*). In: **Dicionário Nietzsche** / [editora responsável Scarlett Marton]. – São Paulo; Edições Loyola, 2016 – (Sendas & Veredas).
- NIETZSCHE, F. **Fragmentos póstumos: (1885-1889) (Vol. IV)**. Traducción de Juan LuisVermal y Joan B. Llinares. Ediciónespañola dirigida por Diego Sánchez Meca (2ª ed.). Madrid: Editorial Tecnos (Grupo Anaya, S. A.), 2008.
- NIETZSCHE, F. **Fragmentos póstumos: (1882-1885) (Vol. III)**. Traducción de Diego Sánchez Meca y JesúsConill. Ediciónespañola dirigida por Diego Sánchez Meca. Madrid: Editorial Tecnos (Grupo Anaya, S. A.), 2010.
- NIETZSCHE, F. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- NIETZSCHE, F. **O Anticristo e Ditirambos de Dionísio**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.
- NIETZSCHE, F. **O Caso Wagner: um problema para músicos; Nietzsche Contra Wagner:dossiê de um psicólogo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016b.
- NIETZSCHE, F. **Crepúsculo dos Ídolos**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2017.
- NIETZSCHE, F. **O Nascimento da Tragédia**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2020.

Petry, I. R. **Arte e *décadence* em Nietzsche**: o caso Wagner e outros escritos. 2015. 141 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

PIAZZESI, C. **Nietzsche**: fisiologia dell'arte e *décadence*. Lecce: Conti Editore, 2003.

RUBIRA, L. **Nietzsche**: do eterno retorno do mesmo à transvaloração de todos os valores. São Paulo: Discurso editorial/Editora Barcarolla, 2010.

SILVEIRA, R. **Mário Ferreira dos Santos, intérprete de Nietzsche**: contextualização e análise do ensaio “O homem que foi um campo de batalha”. 2020. 152 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.